

A MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA NA ESCOLHA DOS DESIGNATIVOS DE ORIGEM INDÍGENA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

THE TOPONYMIC MOTIVATION ON THE CHOICE OF DESIGNATORS FROM INDIGENOUS ORIGIN IN MATO GROSSO DO SUL STATE.

Lucimara Alves da C. Costa
Universidade do Estado de São Paulo
São José do Rio Preto

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo discorrer sobre a motivação toponímica que justifica o processo de nomeação dos designativos indígenas das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda, no Estado de Mato Grosso do Sul. O *corpus* de análise consistiu no conjunto de 131 topônimos indígenas e híbridos – indígena/ português, selecionados e retirados de cartas topográficas na escala 1: 125.000, disponibilizadas pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Como método classificatório toponímico, recorremos ao modelo taxionômico proposto por Dick (1990), no qual são apresentadas 27 categorias, divididas em 11 taxas de natureza física e de 16 taxas de natureza antropocultural. Procuramos, por meio da análise semântica dos termos selecionados, definir, apresentar a classificação, taxonomia e provável motivação toponímica dos topônimos indígenas presentes no processo de nomeação dos acidentes físicos e humanos existentes na zona rural das regiões supracitadas.

PALAVRAS-CHAVE: Motivação toponímica; topônimos indígenas; Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the motivation toponymic that justifies the nomination process of designators indigenous regions of Aquidauana, Miranda and Corumbá, in Mato Grosso do Sul. The corpus consisted of analysis set of 131 hybrid and indigenous toponyms - Indian / Portuguese, selected and taken from topographic maps in scale 1: 125,000, provided by IBGE - Brazilian Institute of Geography and Statistics. As a method of classification toponymic we turn to the taxonomic model proposed by Dick (1990), which are presented in 27 categories, divided into 11 physical nature of taxes and taxes of 16 antropocultural nature. We search through semantic analysis of selected terms, define the present classification, taxonomy and probable motivation toponymic indigenous place names within the process of appointment of existing human and physical accidents in rural areas in those regions.

KEYWORDS: Motivation toponymic; indigenous toponyms; Mato Grosso do Sul.

INTRODUÇÃO

Ao se propor a refletir sobre a prática da nomeação dos acidentes físicos e humanos de uma região, é necessário, antes de tudo, considerar que esse processo se constitui na relação entre ambiente, cultura e vida de um povo. Dick (1990, p. 5) ressalta que a nomeação dos lugares é uma prática exercida pelo homem desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana, uma vez que essa simples ação proporcionava àquele não apenas um maior contato com o acidente nomeado, mas também uma inegável relação de posse entre possuidor e objeto nominado. Nesse constante processo de nomeação, surgiram ruas com nomes de personalidades históricas, rios relacionados a nomes de animais ou vegetais e cidades relacionadas a etnias indígenas, entre outros.

A respeito desse processo, Sapir (1969) ressalta que léxico e cultura relacionam-se diretamente, uma vez que é na língua que se reflete o ambiente físico e social de um povo. Nesse sentido, “o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o completo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade”

(*op cit*, p.45)¹. Segundo o autor, isso se fundamenta, em especial, quando tratamos das línguas indígenas e acrescenta que:

se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos aí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado. Não é difícil encontrar exemplos de línguas cujo léxico traz assim o sinete do ambiente físico em que se acham situados os seus falantes.²

Nesse sentido, Nida (1985, p. 79) defende que “a linguagem não é apenas uma parte da atividade humana. É o aspecto mais característico do comportamento humano e o uso de línguas distintas é certamente o mais óbvio aspecto que distingue as culturas humanas”.

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo discorrer sobre a motivação toponímica que resultou e justifica o processo de nomeação dos designativos indígenas das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda, no Estado de Mato Grosso do Sul.

Nosso *corpus* de análise consistiu no conjunto de 131 topônimos indígenas e híbridos – indígena/ português, selecionados e retirados de cartas topográficas na escala 1: 125.000, disponibilizadas pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; mapas físicos, políticos, de relevo e bacias hidrográficas do estado de Mato Grosso do Sul, mapas municipais estatísticos dos municípios estudados, e mapas rurais estatísticos (MRU) disponíveis no site do IBGE, criados em 2007 a fim de recenseamento do estado.

Como método classificatório toponímico, recorreremos ao modelo taxionômico proposto por Dick (1990), no qual são apresentadas 27 categorias, divididas em 11 taxes de natureza física e de 16 taxes de natureza antropocultural. Procuramos, por meio da análise semântica dos termos selecionados, definir, apresentar a classificação, taxonomia e provável motivação toponímica dos topônimos indígenas presentes no processo de nomeação dos acidentes físicos e humanos existentes na zona rural das regiões supracitadas.

1. A motivação toponímica dos designativos de origem indígena

Ao observar a relação binômica homem e ambiente, constatamos que o ato da nomeação sempre foi uma atividade inerente à condição humana, pois “a necessidade de referir-se a um ponto geográfico de uma maneira que não seja ambígua, nos obriga a nomeá-lo³”. (SOLIS FONSECA, 1997, p. 22). Na Bíblia Sagrada há um exemplo da necessidade e importância do ato designativo ao afirmar que a primeira tarefa dada por Deus ao homem foi nominar toda a criação:

O senhor Deus da terra formou todos os animais do campo e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem para ver como lhes chamaria; e tudo o que o homem chamou ao ser vivente, esse foi seu nome. O homem deu nomes a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais do campo (Gênesis 2.19-20 - ALMEIDA, 1965)

Nesse sentido, o processo de nomeação tornou-se um importante mecanismo para que o homem pudesse organizar e controlar o mundo, a fim de facilitar sua socialização e, conseqüentemente, possibilitar um melhor conhecimento da realidade que o rodeia, utilizando quase sempre o próprio ambiente como forma de motivação desse ato.

Esse mecanismo de apropriação tornou-se atividade comum, especialmente no que diz respeito às etnias indígenas, nas quais se recorre constantemente a elementos do ambiente, como a fauna e a flora, para nomear os acidentes físicos e humanos de uma região. Sampaio (1987) assim explica essa relação:

¹ Idem.

² Ibidem

³ *La necesidad de referirse a un punto geográfico de una manera no ambigua obliga a nominarlo.*

O indígena fazia uso, globalmente, de elementos descritivos do seu ambiente e, [...] não apenas dos descritivos puros, mas também dos descritivos associativos porque é portador de uma visão prática e objetiva. [...] Assim, os diversos sistemas toponímicos apresentam expressões que significam, em seu universo onomástico, o mesmo fato, ou traduzem uma condição semelhante (SAMPAIO, 1987, p.8).

A respeito dessa afirmação, Dick (1990, p 41) destaca que, “quando Sampaio fala em nomes descritivos deve fazê-lo não apenas voltando-se para as cargas naturais e permanentes [...] que transformam o topônimo em um espécime simbólico ideal”, ou seja, o topônimo não é sempre a representação ideal do que se deseja exprimir, nem um símbolo dessa representação, uma vez que, além dos descritivos puros, há os descritivos associativos, como os fatos temporários e circunstanciais que identificam um lugar ou acidente, traços esses que, mesmo não sendo ligados diretamente aos aspectos descritivos, não são menos importantes para o processo designativo desses acidentes. A autora exemplifica sua posição ao ressaltar a influência da fauna e da flora como forma de motivação toponímica:

É o caso da vegetação brasileira, que contribuiu com tantos nomes para a toponímia fitonímica, ou dos próprios animais que, independente de um determinado espaço, definido como habitat próprio, o distinguem pela sua presença, isolada ou em bandos (DICK, 1990, p. 41).

Ainda sobre a relação homem-língua-ambiente, Sapir (1969, p.43-44) declara ser importante ter em mente que, apesar de haver uma forte tendência a reduzir todas as manifestações de vida e do pensamento humano às influências do ambiente, isso nem sempre corresponde à realidade, uma vez que o processo de atribuição de nomes pode resultar de várias motivações que nem sempre são físicas. Elas podem estar relacionadas aos fatos históricos ou culturais de acordo com as especificações da comunidade na qual estão inseridas e também com a natureza dos acidentes que nomeiam.

Seguindo esse raciocínio, retomamos Solís Fonseca (1997, p. 22) ao afirmar que a maior parte dos topônimos surge de maneira espontânea, porém outros topônimos surgem de atos fundacionais, dados por fundadores, muitas vezes em eventos formais, nos quais podem estar inclusos documentos oficiais⁴. Como exemplo dessas motivações, podemos citar os nomes de ruas que retomam acontecimentos ou personalidades marcantes da história e topônimos que retratam aspectos culturais de um povo. Esses nomes só podem ser compreendidos mediante um estudo mais aprofundado que considere a história e a transformação desse topônimo no decorrer do tempo e também no contexto que originou sua criação e que justifica seu uso. Para Dick (2001, p. 79), a relação entre nome e objeto nomeado fundamenta-se da seguinte forma:

A fixação das bases lexicais para definir lugares ou identidades pessoais dispensa, muitas vezes, a necessidade de se situar o objeto em um plano efetivo de representação [...] É o simbolismo das formas lingüísticas que transforma nomes em lugares existenciais e indivíduos em personalidades sociais. A configuração de um local só acontece a partir do nome [...].

A esse respeito, Solís Fonseca (1997, p. 14) advoga que os nomes nada mais são que produtos de algo que os implica, ou seja, o sistema denominativo criado por diferentes culturas para nomear as entidades que sua atividade cognitiva percebe. Desse modo, Salas (1999, p. 2) destaca que “o pesquisador não pode se esquecer que todo nome de pessoa, animal, planta ou

⁴ *La mayor parte de los topónimos surge de esta necesidad espontánea. Otros topónimos surgen de actos fundacionales, daos por los fundadores, muchas veces en eventos fundacionales de los cuales incluso pueden quedar documentos.*

coisa, não é uma palavra qualquer, pois além de carregar um significado, carrega também uma filosofia de vida”⁵.

2. A pesquisa: apresentação e análise dos dados

A pesquisa, como já foi dito anteriormente, consistiu na coleta e análise de 131 topônimos que designam os acidentes físicos e humanos das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda no Estado de Mato Grosso do Sul. Os dados foram retirados de cartas topográficas na escala 1: 125.000, disponíveis no site do IBGE.

Por meio da análise dos dados, pudemos verificar a classificação, a taxonomia e a provável motivação toponímica que justificasse a escolha dos designativos. Passemos à apresentação e análise dos topônimos expostos na tabela a seguir:

Corpus selecionado

TOPÔNIMO	CLASSIFICAÇÃO	TAXEONOMIA	MUNICÍPIO
Córrego <i>Acaia</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Acurizal</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Corumbá
Vazante <i>Aguaçú</i>	Acidente físico	Dimensiotopônimo	Aquidauana/ Corumbá
Fazenda <i>Aguassuzinho</i>	Acidente humano	Dimensiotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Fazenda <i>Aguapé</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Amambai</i>	Acidente humano	Fito/hidrotopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Angico</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Córrego <i>Angical</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana
Córrego <i>Anhuma</i>	Acidente físico	Zootopônimo	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
Rio <i>Aquidabã</i>	Acidente físico	Etnotopônimo	Corumbá
Rio <i>Aquidauana</i>	Acidente físico	Hidro/Dimensiotopônimo	Aquidauana/Miranda
Córrego <i>Araras</i>	Acidente físico	Zoo/etno/Ergotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Fazenda <i>Ariranha</i>	Acidente humano	Zootopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Aroeira</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Babaçú</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Rio <i>Bacuri</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Córrego <i>Baguaçuinho</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana
Córrego <i>o Baguani</i>	Acidente físico	Zootopônimo	Corumbá
Córrego <i>o Betione</i>	Acidente físico	Zootopônimo	Miranda
Fazenda <i>Bocaiúva</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Fazenda <i>Bacaiúval</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Buriti</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
Fazenda <i>Buritzal</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/Miranda
Fazenda <i>Buritzinho</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/Miranda
Vazante <i>Caboclo</i>	Acidente físico	Etnotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Vazante <i>Caeté</i>	Acidente físico	Fito/ etnotopônimo	Aquidauana

⁵ El investigador no puede olvidar que todo nombre de persona, animal, planta o cosa no es palabra vana, pues al margen de portar un significado, encierra también una filosofía de vida.

Córrego <i>Cajuru</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana
Baía do <i>Cambará</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Cambarazal</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Cambarazinho</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana
Retiro <i>Cambuquira</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Corumbá
Córrego <i>Capivara</i>	Acidente físico	Zoo/ Fitotopônimo	Corumbá
Rio <i>Capivari</i>	Acidente físico	Hidrotopônimo	Aquidauana
Rio <i>Caracará</i>	Acidente físico	Zoo/etnotopônimo	Corumbá
Vazante <i>Caraguatá</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Rio <i>Caraguazinho</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Carajá</i>	Acidente humano	Etno/Zootopônimo	Aquidauana/Miranda
Fazenda <i>Carandá</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
Fazenda <i>Carandazal</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/ Corumbá/Miranda
Colônia <i>Carandazinho</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Caranday</i>	Acidente humano	Fito/ergo/Hidro	Corumbá
Rio <i>Chapena</i>	Acidente físico	Ergotopônimo	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
Morro do <i>Chané</i>	Acidente físico	Etnotopônimo	Corumbá
Córrego <i>Cipó</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Colônia <i>Cipolândia</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/ Corumbá
Córrego <i>Congonba</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Retiro <i>Cumbaru</i>	Acidente humano	Fito/zootopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Curicaca</i>	Acidente humano	Zootopônimo	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
Fazenda <i>Guabiroba</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/ Corumbá
Fazenda <i>Guanabara</i>	Acidente humano	Hidro/Ergotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Fazenda <i>Guanandi</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Vazante <i>Guanandizal</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Guarani</i>	Acidente humano	Etnotopônimo	Aquidauana
Corixo <i>Guirá</i>	Acidente físico	Zootopônimo	Corumbá
Retiro <i>Iara</i>	Acidente humano	Mitotopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Iguaçu</i>	Acidente humano	Dimensiotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Aldeia <i>Imbirussu</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana
Córrego <i>Indaiá</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Fazenda <i>Indaial</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana
Vazante <i>Ingá</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana
Rio <i>Ingazal</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Retiro <i>Itacatu</i>	Acidente humano	Litotopônimo	Aquidauana/Miranda
Fazenda <i>Jabuti</i>	Acidente humano	Zootopônimo	Aquidauana/Corumbá
Lagoa <i>Jacaré</i>	Acidente físico	Zoo/fitotopônimo	Aquidauana/ Corumbá
Corixo <i>Jacu</i>	Acidente físico	Zootopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Jacutinga</i>	Acidente humano	Zoo/litotopônimo	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda

Fazenda <i>Jaguareté</i>	Acidente humano	Zootopônimo	Aquidauana/Miranda
Fazenda <i>Jaguatinga</i>	Acidente humano	Zootopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Jaraguá</i>	Acidente humano	Geo/ Fitotopônimo	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
Córrego <i>Jatobá</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Córrego <i>Jenipapo</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Córrego <i>Jibóia</i>	Acidente físico	Zoo/ Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Morro <i>Lalima</i>	Acidente físico	Hidrotopônimo	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
Córrego <i>Macaíba</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Fazenda <i>Mangaba</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Corumbá
Vazante <i>Mangabal</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana
Córrego <i>Mangabinha</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Rio <i>Nabileque</i>	Acidente físico	Litotopônimo	Corumbá
Rio <i>Naitaka</i>	Acidente físico	Animotopônimo	Corumbá
Córrego <i>Naxedaxe</i>	Acidente físico	Ergotopônimo	Miranda
Fazenda <i>Nhumirim</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Baía <i>Nhuvai</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Nhuverá</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Corumbá
Rio <i>Nioaque</i>	Acidente físico	Somatopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Panamá</i>	Acidente humano	Zoo/ fito/Ergotopôni Mo	Aquidauana/Miranda
Rio <i>Paraguai</i>	Acidente físico	Hidrotopônimo	Corumbá
Vazante <i>Pianí</i>	Acidente físico	Hidrotopônimo	Corumbá
Córrego <i>Pindaíba</i> da	Acidente físico	Ergo/animotopônimo/ Fitotopônimo	Corumbá
Córrego <i>Pindaival</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Córrego <i>Pindaivão</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Pindorama</i>	Acidente humano	Coro/ Fitotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Pirab</i>	Acidente humano	Zootopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Piracicaba</i>	Acidente humano	Hidrotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Pirapó</i>	Acidente humano	Hidro/zootopônimo	Aquidauana
Córrego <i>Piraputanga</i>	Acidente físico	Zootopônimo	Aquidauana/Corumbá
Fazenda <i>Piratininga</i>	Acidente humano	Zoo/corotopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Pirizal</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/ Corumbá/Miranda
Córrego <i>Pitangueira</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Piúva</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Piúval</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Corumbá
Córrego <i>Pombeiro</i>	Acidente físico	Mitotopônimo	Aquidauana
Córrego <i>Sapé</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Fazenda <i>Sapucaia</i>	Acidente humano	Zoo/ Fitotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Seriema</i>	Acidente humano	Zootopônimo	Aquidauana/ Corumbá/Miranda

Fazenda <i>Sucupira</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Corumbá
Retiro <i>Sucupiral</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana
Córrego <i>Sucuri</i>	Acidente físico	Zootopônimo	Aquidauana/ Corumbá/Miranda
Fazenda <i>Sucurizinho</i>	Acidente humano	Zootopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Tabatinga</i>	Acidente humano	Polio/litotopônimo	Corumbá/Miranda
Fazenda <i>Taboca</i>	Acidente humano	Fito/dimensiotopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Tabocal</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana
Corixo <i>Taboquinha</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Sítio <i>Tangará</i>	Acidente humano	Zootopônimo	Aquidauana
Fazenda <i>Tapera</i>	Acidente humano	Ecotopônimo	Aquidauana/ Corumbá/Miranda
Fazenda <i>Taquara</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Corumbá
Córrego <i>Taquaral</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana/Miranda
Fazenda <i>Taquaralzinho</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/Miranda
Fazenda <i>Taquaretinha</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Corumbá
Brejo do <i>Taquari</i>	Acidente físico	Fito/hidrotopônimo	Aquidauana
Córrego <i>Taquarussu</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Sítio <i>Tarigara</i>	Acidente humano	Mito/zootopônimo	Aquidauana
Córrego <i>Tarumã</i>	Acidente físico	Fito/etnotopônimo	Aquidauana/ Corumbá
Córrego <i>Tarumãzinho</i>	Acidente físico	Fitotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Tereré</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Corumbá
Baía <i>Tucum</i>	Acidente físico	Fito/zootopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Tucumã</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Tuinin</i>	Acidente humano	Zoo/litotopônimo	Aquidauana/Corumbá
Fazenda <i>Tupaci</i>	Acidente humano	Hagiotopônimo	Corumbá
Fazenda <i>Urucum</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/ Corumbá/ Miranda
Fazenda <i>Urumbeva</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Aquidauana/Miranda
Estrada do <i>Xatelodo</i>	Acidente humano	Fitotopônimo	Miranda

2.1 Quanto à natureza dos topônimos

Quanto à natureza ou classificação dos topônimos, verificamos o predomínio de nomes de natureza física, em detrimento dos topônimos de natureza antropocultural, como podemos observar nos gráficos a seguir:

Município	Dimensio	Fito	Geo	Hidro	Lito	Zoo	Total
Aquidauana	5	51	1	9	3	24	-
Corumbá	3	52	1	5	4	19	-
Miranda	1	13	1	2	3	9	-
Total	9	116	3	16	10	52	206

Quadro 1: Quantificação dos topônimos de natureza física

Município	Animo	Coro	Eco	Ergo	Etno	Mito	Hagio	Polio	Soma	Total
Aquidauana	0	1	1	4	6	3	0	0	0	-
Corumbá	2	1	1	5	6	0	1	1	1	-
Miranda	0	0	1	3	1	0	0	1	0	-
Total	2	2	3	12	13	3	1	2	1	39

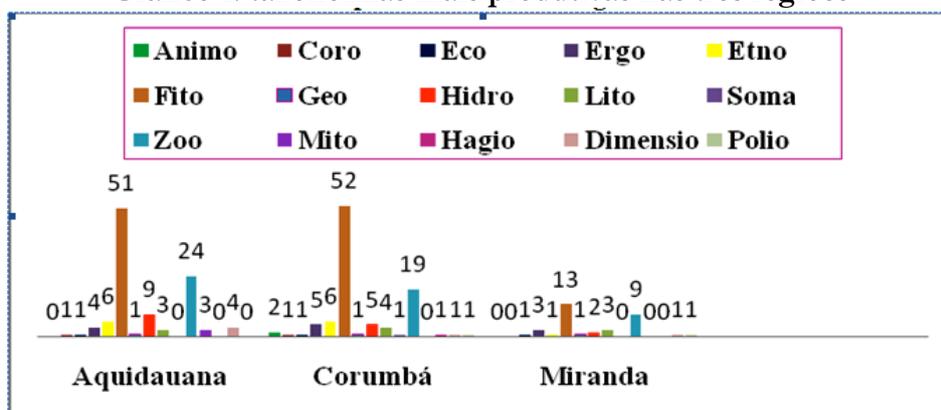
Quadro 2: Quantificação dos topônimos de natureza antropocultural

A predominância de elementos de natureza física justifica-se pela relação de proximidade e mesmo de cumplicidade entre o indígena e o ambiente, comprovando a tese de Sampaio (1987), de que o indígena recorria, constantemente, a elementos de seu ambiente para nomear os acidentes físicos e humanos de seu convívio. Nesse sentido, o ambiente físico funciona como a principal motivação do processo de denominação toponímica em que o nome confunde-se, muitas vezes, com o próprio acidente nomeado.

2.1.2 Quanto às taxonomias e motivação toponímica

Quanto às taxonomias e motivação toponímica, observamos que a categoria mais produtiva nas três regiões é a dos fitotopônimos, totalizando um número de 51 termos na região de Aquidauana, 52 em Corumbá e 13 no município de Miranda. A segunda categoria mais produtiva é a dos zootopônimos, com um número de 24 termos em Aquidauana, 19 em Corumbá e 9 em Miranda. Podemos comprovar o exposto no gráfico a seguir.

Gráfico 1: taxonomias mais produtivas nas três regiões



Ao analisarmos a proporção dos topônimos das diferentes taxonomias no gráfico anterior, observamos a grande incidência de fitotopônimos, que totalizam um número de 116 dentre os 195 analisados. Esse índice comprova a influência da vegetação no processo de designação dos topônimos que nomeiam as regiões analisadas.

Comprovamos também que grande parte desses fitotopônimos refere-se a palmeiras e plantas ornamentais, como é o caso dos designativos: *bocaiuva*, *babaçu*, *carandá*, *bacuri* e *caraguatá*, que designam palmeiras ou plantas do gênero das palmas com frutos e seivas utilizados para enfeite e confecção de materiais indígenas.

Todas essas espécies vegetais próprias do cerrado costumam apresentar como características marcantes os troncos e galhos retorcidos, como é o caso do *angico* e da *mangaba*, sendo a última delas o nome de uma fazenda do município de Corumbá.

Outra fonte de motivação toponímica também muito presente nessas regiões são as árvores frutíferas, que remetem, de certa forma, não só à importância da alimentação na vida do homem, mas também ao hábito do cultivo dessas árvores como forma de garantir o sustento de muitos povos indígenas que habitaram ou habitam essa região. Como exemplo desses topônimos, podemos citar *acaúá*, conhecido como *cajá* – uma designação para o fruto da *cajazeira*, bastante conhecido na região; *jatobá*, árvore de casca grossa e de frutos comestíveis e do qual se extrai resina; e *jenipapo*, fruto do jenipapeiro muito utilizado para se fazerem compotas, doces e xaropes e do qual os indígenas extraem uma tinta preta que utilizam em artesanatos e pintura corporal. Essas e muitas outras espécies vegetais abundantes na região deram origem a inúmeros designativos para rios, córregos, morros e fazendas do município de Aquidauana, Corumbá e Miranda.

Também fazem parte da vegetação do Pantanal Sul-Mato-Grossense plantas próprias de regiões alagadiças, como é o caso do *aguapé*, conhecido como vitória-régia, e algumas espécies mais resistentes, como o *buriti*, a *embaúba*, o *carandá*, bem como outras variedades de coqueiros bastante comuns nessa região, que conseguem sobreviver e fortalecer-se nesse espaço, formando imensos aglomerados.

A segunda categoria mais produtiva é a dos zootopônimos, totalizando um número de 52. Observamos que os espécimes comuns na fauna local funcionam como a segunda fonte mais produtiva de motivação toponímica. Como exemplos desses designativos, aparecem em nossos dados os topônimos: *jacaré*, *sucuri*, *jacutinga*, *curicaca*, *jaguareté*, *anbuma* e *tuiuiuú*, espécimes comuns nas matas, córregos e alagados da região. O último desses designativos, o *tuiuiuú*, também conhecido como a cegonha do Pantanal e ave símbolo dessa região, é definido por Taunay (1868, p. 93), em seus relatos de viagem, como “a maior das aves ribeirinhas, todo branco com uma coleira vermelha, bico longo e tubulado, que se nutre de peixe e anda no lodo das bordas dos rios”.

Após os zootopônimos, os hidrotopônimos, com um número de 16 topônimos, ocupam um lugar bastante significativo nesse processo de nomeação. O grande número de córregos, rios, corixos e alagados, próprios do bioma pantanal, justificam essa grande influência de designativos relacionados à água. Como exemplos desses topônimos, podemos citar os designativos: *Aquidauana*, *caranday*, *guanabara*, *lalima*, *Paraguai*, *Piauí* e *Piracicaba*, que nomeiam rios, fazendas e córregos das regiões analisadas. É interessante observar que, em especial nos nomes de origem kadiwéu, como é o caso de *Aquidauana* e *Lalima*, o significado dos topônimos em sua maioria remete à água. Não encontramos, porém, registros que relacionem as características dos acidentes ao nome que recebem, ou seja, não obstante o significado original de *Aquidauana*, “rio estreito”, aparentemente não há registros de obras que descrevam tal característica desse rio. Tampouco *Lalima*, que significa “sumidouro”, termo definido por Sampaio (1901, p. 58) como “curso subterrâneo das águas do rio através de rochas calcáreas”, aparece em registros escritos como um rio ou córrego com essa característica.

Quanto aos hidrotopônimos de origem tupi e guarani que fazem parte de nossos dados, podemos constatar que, geralmente, essa formação se faz com a justaposição do termo água *-y/i* a uma base de origem indígena, que, por sua vez, já possui um significado próprio. Nesse sentido,

os dois termos se juntam e um passa a ser parte do outro, como é o caso de *Piani, Paraguai e caranday*, que significam ‘rio do *piau*’, ‘rio dos *papagaios*’ e ‘rio dos *carandás*’, respectivamente.

Bastante próximos dos hidrotopônimos em número de ocorrências, aparecem, nessa cadeia de motivação toponímica, os etnotopônimos, que totalizam 13 topônimos, e os ergotopônimos, com um total de 12 termos. Relacionados às etnias indígenas, os etnotopônimos designam seis (6) acidentes da região de Aquidauana, seis (6) em Corumbá e um (1) em Miranda. Isso se justifica pelo grande número de aldeias existentes na região, embora devamos destacar que muitas dessas etnias já foram extintas ou juntaram-se a outras, sendo absorvidas por elas, como é o caso dos kinikinaos, que, conforme apontamos ao falar da ocupação indígena em Miranda e Aquidauana, juntaram-se às aldeias terenas desses municípios. Como exemplos desses topônimos, constam em nossos dados os topônimos: *araras*, *caeté*, *carajá* e *guarani*. Trata-se de etnias já extintas ou que não residem mais na região, mas que participaram efetivamente do processo de criação e desenvolvimento do estado de Mato Grosso do Sul, como é o caso dos guaranis, os indígenas mais explorados como mão de obra no ciclo da mineração.

É interessante destacar também a referência ao topônimo *cabloco*, que, embora não designe nenhuma etnia indígena em particular, é apresentado nos dicionários consultados como o índio manso e catequizado pelos jesuítas, exatamente como aconteceu com muitos indígenas, particularmente os tupis e guaranis no processo de povoamento do estado.

Na escala de motivação dos acidentes físicos e humanos desses três municípios, aparecem os litotopônimos com 10 designativos, os dimensiotopônimos com nove (9) ocorrências, os eco, os mito e os geotopônimos, com três (3), os coro, pólio e animotopônimos com dois (2) designativos e, em último lugar, aparecem os soma e hagiotopônimos, com apenas 1 designativo.

3. Considerações Finais

Conforme mencionamos na introdução deste trabalho, nosso objetivo geral consistiu na realização de um estudo lexical dos nomes de origem indígena que designam os acidentes físicos e humanos presentes na zona rural das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda, no estado de Mato Grosso do Sul. Foi dada, também, atenção especial à classificação taxonômica e à análise desses designativos de modo a apresentar seus significados, etimologias e uma provável motivação toponímica que justificasse a escolha desses nomes.

Consideramos como principal hipótese de trabalho o fato de que o grande número de aldeias existentes nessa região influenciou diretamente a escolha dos topônimos, o que justifica o alto índice de nomes indígenas em nossos designativos

Confirmamos ainda que o princípio básico da nomeação dos acidentes físicos e humanos dessa região consiste, acima de tudo, na relação de proximidade entre o homem e o meio, sendo ele quase sempre físico, como é o caso dos designativos relacionados aos elementos do ambiente, como relevo, formações do solo, cursos de água e, em especial, flora e fauna. Essa constatação justifica nossas categorias mais produtivas, como é o caso dos fitotopônimos, com 116 ocorrências e dos zootopônimos, com 52 termos. Convém destacar, porém, que os aspectos sociais e culturais das etnias indígenas também influenciaram diretamente o ato da denominação dos acidentes físicos e humanos dessa região. Isso se comprovou especialmente nos topônimos relacionados tanto a elementos étnicos e materiais dessas culturas, como é o caso dos etnotopônimos e ergotopônimos, que totalizaram um número de 25 termos, como também aos seus elementos religiosos e míticos próprios, como os mitotopônimos e hagiotopônimos.

Evidenciamos que, em grande parte dos topônimos, a motivação toponímica e também a etimologia só podem ser recuperadas se recorrermos à história, uma vez que muitos desses nomes estão estreitamente vinculados à linguagem oral, ao hábito de contar histórias e aos acontecimentos relacionados à vida e às andanças desses povos. Um exemplo do que foi dito são os topônimos de origem kadiwéu, como *nabileque*, *naitaka* e *nioaque*, que, mesmo sendo termos já

dicionarizados, sua motivação só pode ser compreendida por meio dos acontecimentos históricos que envolveram a escolha de tal designativo para os rios em questão.

Essa preocupação histórica e com o relato oral desses povos torna-se ainda mais justificável em relação aos termos de origem terena, já que, em face da inexistência de dicionários dessa língua, esses dados só podem ser identificados por meio de obras sobre essa etnia, conforme o procedimento de nossa pesquisa, ou por meio de um trabalho exaustivo de coleta e entrevista com os próprios falantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. F. *Bíblia Sagrada*. Edição Revista e corrigida. São Paulo: Editora Sociedade Bíblica Brasileira, 1965.

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: USP, 1990.

_____. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. PIRES DE OLIVEIRA, A.M.P; ISQUERDO, A.N. (Orgs). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mapas digitais- MUE e MRU, 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

NIDA, E. A. *Costumes e Culturas*. São Paulo: ed. Vida Nova, 1985.

SAMPAIO, T. *O tupi na geographia nacional*. Instituto Histórico e geográfico de São Paulo: São Paulo, 1901.

_____. *O tupi na geographia nacional*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: _____. *Linguística e Ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969, p. 42-62.

SOLIS FONSECA, G. *La gente pasa, los nombres quedan*. Introducción en la Toponímia. Lima: Ed. Lengua y Sociedad, 1997.